

# **UM PROGRAMA SOCIALISTA E DE LUTA PARA O PSOL EM SÃO PAULO PARA DERROTAR BOLSONARISMO E TUCANATO**

*Tese Estadual da LSR – Liberdade, Socialismo e Revolução e do Coletivo Lute para 7º Congresso Estadual do PSOL – SP*

## **Um vírus que desnudou o sistema**

O mundo está passando por um conjunto de crises: uma pandemia que matou milhões, uma crise econômica e social que condena bilhões à pobreza, uma crise ambiental que ameaça a vida no planeta. Todas essas crises têm raízes no sistema capitalista que coloca o lucro acima das vidas. Nada mais perverso do que bilionários verem suas riquezas baterem recordes no meio de uma profunda crise.

O planeta já apresenta sinais claros de que não tem condições de sustentar mais o modelo de uso dos recursos naturais dentro dos marcos do capitalismo. A destruição da natureza nos marcos do capitalismo está levando a humanidade a provocar um colapso das condições mínimas para a sobrevivência da espécie.

A pandemia agravou todas as crises que já existiam, revelando a incapacidade do capitalismo de dar respostas. Fica cada vez mais evidente para uma nova geração da classe trabalhadora e da juventude que a defesa da vida e do planeta só é possível unificando as lutas em um só combate contra o sistema capitalista.

O racismo e machismo estruturais, combinados com a exploração capitalista sem limites, condenam partes significativas da nossa classe à barbárie. Décadas de neoliberalismo, privatizações, cortes, ataques aos serviços públicos e sucateamento dos sistemas de saúde deixaram o caminho livre para o novo vírus provocar tanta morte e sofrimento em todos os continentes.

Vivemos também uma crise de representação política. As instituições do sistema estão desacreditadas e há uma busca por alternativas antissistêmicas em uma conjuntura de profunda polarização social e política.

É nesses marcos que nos propomos organizar coletivamente para contra-atacar, com gente de carne e osso que se propõe a enfrentar o que talvez seja o momento mais desafiador das gerações vivas.

## **Ameaça de retrocessos e esperança na luta!**

Uma nova direita mais reacionária e violenta cresce em muitos países, o que levou à ascensão de figuras como Trump e Bolsonaro. Isso demonstra a profundidade da crise de um sistema em que as classes dominantes precisam retirar ainda mais direitos sociais, restringir liberdades democráticas e reprimir nossas lutas. A democracia burguesa não é um princípio mas sim uma forma de manutenção do

capitalismo. Com o agravamento da crise, a burguesia mundial não vê problemas em abrir mão da roupagem democrática e avançar para o recrudescimento. Vimos o golpe militar em Mianmar, o aumento da repressão em Hong Kong e a restrição de direitos históricos, como o ataque ao direito ao aborto na Polônia.

Pela posição que ocupa o Brasil no contexto internacional, o governo Bolsonaro se mostrou ainda mais perigoso durante a crise. Em uma realidade nacional em que as contradições do capitalismo se apresentam de forma mais aguda, a burguesia apostou suas fichas em uma saída que fosse capaz de reprimir as lutas e ao mesmo tempo aprofundar ataques a direitos históricos da classe trabalhadora sem a necessidade do verniz democrático.

Essa política acabou por aglutinar dentro do que se concebe como bolsonarismo, elementos que vão desde o fanatismo religioso de extrema-direita até os setores mais abertamente fascistas do país, apoiando-se em uma linha econômica ultraliberal e com forte discurso belicoso contra qualquer possibilidade pela esquerda. Além de ataques aos direitos sociais e trabalhistas e às liberdades democráticas, Bolsonaro atravessa a pandemia pisando em centenas de milhares de corpos tombados e alimentando uma política negacionista. Se a esquerda e nossa classe não conseguirem dar respostas, podemos sofrer derrotas ainda mais decisivas. Mas é possível virar esse jogo!

Em 2019 vimos uma onda de revoltas explosivas no mundo contra as políticas neoliberais, corrupção e injustiças. Governos, como a ditadura de décadas no Sudão, foram derrubados. Na maioria desses movimentos, mulheres e jovens assumiram a linha de frente contra governos, em defesa do meio ambiente, pelo direito ao aborto e contra a violência doméstica ou a repressão estatal. A América Latina foi um foco importante das lutas, com inspiradores levantes de massas como em Equador e Chile.

O intervalo imposto às lutas pela pandemia não durou muito tempo. Nos EUA, estourou o maior movimento de massas da história do país contra o racismo estrutural, a violência policial e o governo Trump. O exemplo do *Black Lives Matter* reverberou pelo mundo.

Também houve a maior greve geral da história da Índia e na Argentina o movimento de mulheres conquistou o direito ao aborto. Na Bolívia, um movimento massivo de trabalhadores, indígenas e camponeses conseguiu garantir a realização de eleições, além de se mobilizar para derrotar o golpe de 2019. Mobilizações massivas derrubaram o governo no Peru, e houve novas explosões de luta na Guatemala, Paraguai e Chile. Na Colômbia o movimento resistiu a repressão que culminou em dezenas de mortes e derrotou a reforma tributária.

No Brasil o nível da luta ainda não chegou a esse nível. Mas, diante de um governo genocida no poder, vimos a classe trabalhadora se organizar para garantir sua sobrevivência durante a pandemia. As campanhas de solidariedade, muitas vezes lideradas por mulheres periféricas, mostraram o potencial de organização da classe

que muitas vezes foi o único fator que manteve pessoas vivas. Exemplos de lutas como as na educação e saúde, com atos, paralisações e greves junto com lutas do movimento negro e movimento indígena contra o contínuo massacre, mostram o potencial de luta. A repressão de Estado nunca entrou em quarentena e eventos como a chacina em Jacarezinho e a prisão e tortura de um militante em Brasília por segurar um cartaz com “Bolsonaro Genocida” podem aumentar.

Diante da crise do neoliberalismo e com governos em todo o mundo gastando bilhões para tentar evitar uma profunda depressão econômica e salvar os capitalistas, muitos têm defendido a construção de uma alternativa reformista, keynesiana ou desenvolvimentista, com mais intervenção estatal, mas sem superar o capitalismo. A alternativa de esquerda que queremos construir não se ilude com a ideia de um capitalismo mais igualitário em um contexto de barbárie estrutural criada pelo capital – nossa alternativa tem que ser anticapitalista e socialista.

Nesse contexto, é preciso mostrar um programa do PSOL que confronte o projeto genocida em curso dos atuais governos e, nesse contexto de crises e da pandemia, coloque como centro preservar as vidas e não o lucro.

- Investimentos imediatos na saúde! Abertura de novos leitos para o tratamento da Covid-19 e outros problemas graves de saúde. Contratação de trabalhadores da saúde e investimento em produção de equipamentos e insumos para proteção e tratamento.
- Garantir as condições para as pessoas ficarem em casa: Auxílio emergencial Já! Garantir a quarentena com programas de auxílio emergencial para a classe trabalhadora e compensação para pequenas e médias empresas. Não ao retorno presencial às aulas sem condições sanitárias seguras. Um auxílio emergencial de no mínimo um salário mínimo e o dobro deste valor para mães solas. Controle dos preços de produtos que atendem necessidades básicas.
- Garantir vacinas para todas e todos. Quebrar patentes e exigir transferência de tecnologia para garantir a produção de vacinas no país por instituições públicas. Controle social sobre a distribuição da vacina. Investimento imediato em pesquisa e desenvolvimento de remédios e tratamentos. Estatizar a indústria farmacêutica, sob controle e gestão de trabalhadores.
- Investimentos públicos massivos para sair da crise, em especial para saúde, vacina, educação, emprego, moradia e transporte.
- Construção de campanhas de luta contra as contrarreformas do governo federal (administrativa, PEC emergencial etc.) e nos estados. Revogação das contrarreformas trabalhista e da previdência. Pelo fim do teto de gastos. Barrar as privatizações.
- Não às demissões. Estatização das empresas que demitem em massa e fecham fábricas.

## **São Paulo: concentração da riqueza e disseminação de misérias**

São Paulo é o estado com a maior economia, com o segundo maior PIB per capita e com a maior concentração de indústria e manufatura do país, contribuindo com cerca de 32% do PIB nacional.

Durante a pandemia, em que o desemprego e a fome avançaram, o patrimônio dos bilionários dobrou no estado de São Paulo. Isso porque pobreza e riqueza são faces de um mesmo sistema perverso.

Doria é um representante dessa elite paulistana. Ele se elegeu com um projeto de aprofundar o desmonte dos serviços públicos, promovendo privatizações para enriquecer seus amigos. É um oportunista com projeto de se autopromover. Por isso, não tinha vergonha nenhuma de surfar na onda bolsonarista, como “BolsoDoria”.

Com o aprofundamento da crise do Covid-19, se afastou do negacionismo de Bolsonaro, vendo uma chance de concorrer à presidência. Distanciou-se do apoio da extrema-direita bolsonarista, mas manteve a espinha dorsal da proposta ultraliberal de Paulo Guedes.

Enquanto Doria tenta se promover através do tema da vacina, se exima da responsabilidade pelos fechamentos de leitos e hospitais, pelo avanço das privatizações de equipamentos da saúde, pela ausência de concursos e pelo corte de verbas. Mesmo com a pandemia, o governo não aproveitou o momento para reequipar equipamentos de saúde, reabrir hospitais e investir pesadamente em saúde.

O supertrunfo que Doria exhibe como mérito seu, o Instituto Butantã, vem sofrendo uma série de ataques, sendo sucateado e alvo de privatização e sobrevive não por causa do projeto que vem sendo aplicado no Estado de São Paulo, mas apesar dele.

O “Plano São Paulo” foi desenhado para manter o máximo de atividades econômicas abertas que não levasse a um colapso da saúde. Muito longe dos lockdowns implementados em outros países que visavam diminuir o contágio em 80-90%, Doria retoma a abertura do comércio assim que a curva para de subir. Na verdade, Dória esconde a mão invisível do mercado nos bolsos de jalecos.

Mesmo no pior momento da pandemia, o governo quer abrir as escolas para manter a força de trabalho que sustenta os lucros em andamento. O governo estadual também não se preparou para o agravamento da pandemia, com o Doria viajando para Miami quando a segunda onda já estava evidente.

**Na Educação**, também é preciso reverter o processo de desmonte. É necessário garantir concursos públicos periódicos e direitos aos trabalhadores da educação,

acabando com as divisões na categoria das diferentes letras, incorporando todos em uma única carreira que deve ser revista e ter aumento real de salário, isso deve vir junto com a revogação do aumento da alíquota do Iamspe e a reversão de seu desmonte. É preciso garantir autonomia às escolas para que decidam sobre seus projetos pedagógicos, além de garantir eleições entre os trabalhadores da educação para os cargos de gestão nas escolas e DE's.

Além disso, o projeto de PEI estabelecido a partir das bases definidas pelo MEC ainda sob gestão petista, partem da reivindicação histórica da educação por escolas de tempo integral para avançar com propostas que levam à privatização e ao aprofundamento da lógica empresarial na educação, com retirada de direitos históricos dos profissionais da educação, estabelecimento de metas e índices e exclusão de jovens trabalhadores, que ficam impossibilitados de prosseguir na escola por conta das longas jornadas estabelecidas e do fechamento do período noturno. É preciso acabar com o projeto das PEI's, sem prejuízo para que escolas regulares possam construir autonomamente projetos de educação integral.

**A política de privatização do Metrô** de São Paulo é um exemplo de como os privilégios de grupos empresariais são priorizados pelos governos, em detrimento dos direitos da população. O orçamento público arca com toda a infraestrutura necessário ao funcionamento do serviço de transportes e, quando ela está finalmente estabelecida, repassa-a a preços módicos para a iniciativa privada em processos viciados. Para além disto, as concessionárias seguem sendo subsidiadas pelo governo estadual. Recentemente João Doria assinou um acordo que repassa R\$ 1 bilhão para a CCR pela operação da Linha 4. Coincidentemente, a própria CCR arrematou as Linhas 8 e 9 da CPTM por quase a mesma quantia.

Para implementar os planos de privatização, o governo tenta quebrar a resistência da categoria metroviária, que protagonizam uma intensa luta. Para isso, nos últimos anos foram intensificadas demissões, terceirizações e retiradas de direitos. É necessário reverter as concessões e privatizações, além de ampliar as contratações de funcionários. Todos os repasses financeiros para a iniciativa privada devem ser interrompidos e revertidos para a ampliação do investimento público na malha metro-ferroviária estatal. Também desta maneira, ela deve deixar de ser financiada por meio da tarifa paga por passageiros, e passar a configurar como um direito da população, que deve acessá-la gratuitamente.

**A especulação imobiliária** promovida pelos governos do PSDB aumentou o preço dos aluguéis e o número de moradias precárias. As pessoas em geral não conseguem arcar com o custo do aluguel, devido aos preços elevados, algo que só se agravou na pandemia. É preciso combater a especulação imobiliária, fazendo valer a função social das propriedades.

Enquanto morar for um privilégio, ocupar é um direito! É preciso cobrar os grandes devedores do estado para garantir moradia popular para quem hoje ocupa. Além de um teto para morar, é necessário garantir que as pessoas tenham acesso a

equipamentos públicos de saúde, educação, assistência social, lazer, esportes próximos às suas residências.

Um projeto socialista para São Paulo significa uma total reversão das prioridades. Ao invés de privatizar, precisamos garantir saúde, educação, transporte, moradia, saneamento, infraestrutura, como direitos, não como mercadoria para enriquecer uma pequena elite. De uma forma geral, temos que romper com os planos de privatização, seja através de vendas, concessões, PPP, etc. Queremos reverter as privatizações no metrô, Sabesp e o desmonte do CDHU. Com um plano de investimentos públicos, que inclui construção de escolas, creches, hospitais, moradia, etc. podemos gerar empregos e renda e melhorar a vida do povo trabalhador.

Queremos reverter o avanço das OSs no setor da saúde e educação, que deve ser 100% pública, gratuita e de qualidade. Ao mesmo tempo temos que defender cada emprego de quem trabalha em empresas privadas. Queremos tirar o interesse do lucro, não demitir trabalhadores, que sustentam boa parte dos serviços públicos hoje. Quando retomamos esses serviços em mãos públicas, temos que incorporar todos os funcionários dessas empresas como funcionários públicos.

## **Nossos rostos e corpos, nossas marcas**

A opressão em suas diferentes expressões é algo estrutural desse sistema nefasto. Elas servem para potencializar a exploração, dividir nossa classe e enfraquecer nossa resistência. A luta contra as opressões é uma tarefa de todas as pessoas que lutam contra o capitalismo. Todos os problemas que nossa classe enfrenta são atravessados pelas opressões. A crise, o desemprego, a violência, a pandemia e a destruição ambiental têm cor e gênero, isto é, atingem mais duramente mulheres, negras e negros e pessoas LGBTI+.

O racismo estrutural e violência policial continuam a ceifar vidas, principalmente da população preta e pobre, sob o governo Doria. No ano passado, foram 780 mortos pela PM, em média duas pessoas por dia, quatro em cada cinco desses eram negros.

Entre ataques e retrocessos, os setores mais oprimidos reagem contra todas as formas de opressão, com uma nova geração de lutadoras e lutadores. São as mulheres que estão na linha de frente na luta contra a fome, pela moradia, na denúncia pelos jovens negros assassinados pela polícia. Isso se refletiu nas eleições e nas conquistas recentes do PSOL, que aumentou a sua bancada com mulheres, negras, LGBTI+ expressando mais a diversidade da nossa classe.

Porém, os avanços das lutas contra as opressões têm levado a uma reação que se manifestou de forma dramática com o aumento da violência política. Faz três anos que exterminaram a nossa camarada Marielle Franco e ainda lutamos por justiça e para descobrir quem mandou matar Marielle. Além desse episódio, novas

vereadoras eleitas em 2020 sofreram com ameaças e ataques, bem como a deputada federal Talíria Petrone.

Por isso, precisamos conectar a luta e a defesa das parlamentares com a luta mais geral contra as opressões em defesa das vidas negras, LGBTI+ e periféricas que sofrem com ameaças cotidianas dentro e fora de suas casas.

Mais do que abrigar as bandeiras de luta contra as opressões, o PSOL precisa mostrar que a única forma de nos garantir vivas e vivos é lutando de modo organizado contra a sociedade capitalista. Teremos que apontar os limites da política identitária – já que, apesar de reconhecer nosso direito à diferença, não ataca a engrenagem que transforma opressões em desigualdade social e mortes.

- Construir uma campanha socialista de combate às opressões: pressionar por aumento de recursos para as políticas públicas para mulheres, negros e negras, indígenas, quilombolas e população LBGTI+. Produzir materiais de formação sobre as relações entre opressões e exploração na sociedade capitalista. Retomar e debater os efeitos do racismo estrutural e políticas para combatê-lo.
- Contra o genocídio do povo negro: contra a guerra às drogas, pela desmilitarização das polícias e sua subordinação ao controle social pela classe trabalhadora. Pela transferência de recursos públicos investidos em repressão policial para programas sociais de geração de renda e emprego.

## **Por um PSOL a altura do momento histórico**

O resultado das eleições municipais de 2020 reafirmam o período de volatilidade e instabilidade que vivemos. O bolsonarismo saiu derrotado em suas principais apostas. A divisão de sua base e o descontentamento e rejeição que Bolsonaro enfrentou na pandemia permitiu uma reconquista de espaço da direita tradicional, com Bolsonaro apostando em um pacto mais próximo com o “Centrão”. Partidos identificados como progressistas e de esquerda, saíram enfraquecidos. O PT não se recuperou do colapso de 2016 e dessa vez não ganhou em nenhuma capital.

Porém, PSOL sai dessa eleição com destaque pelo avanço qualitativo e quantitativo. Temos uma prefeitura em Belém, além disso, foram eleitos 87 vereadores e vereadoras, destes sendo 47% de negros e negras, apontando um perfil parlamentar mais conectado com o perfil da população brasileira. Em São Paulo tivemos um segundo turno com Boulos e Erundina, com uma campanha que entusiasmou diversas gerações.

O crescimento do PSOL potencializa as condições do partido para assumir um papel de protagonismo no processo de reorganização da esquerda. Isso aumenta a responsabilidade do PSOL, mas também a pressão institucional, algo que temos que enfrentar de cara.

A nossa unidade se constrói por de baixo, nos movimentos e nas lutas, sempre colocando como que é necessário desafiar os limites desse sistema para conquistar qualquer melhoria na educação, saúde, moradia, emprego, etc. Por isso, nossas candidaturas e mandatos têm que defender uma alternativa socialista, resistindo sucumbir à pressão do falso “senso comum” de que com um programa mais rebaixado, você terá mais apoio.

Especialmente no momento de crise, essa afirmação não se sustenta. Vivemos em um momento que pede uma alternativa antissistêmica. A vitória de Bolsonaro foi uma expressão distorcida, reacionária e pela direita da necessidade de uma alternativa antissistêmica. Ele, na verdade, só serve aos interesses da elite. Precisamos mostrar que para realmente mudar o sistema, tem que ser socialista.

Temos a experiência do PT para mostrar os riscos se apostarmos na mudança a partir da “governabilidade”, se aliando com os patrões e seus representantes.

Por isso, temos que fazer um balanço político dos acertos e erros da campanha de Boulos/Erundina, que abriu muito espaço para o PSOL nas próximas eleições. O perfil de luta, o vínculo com movimentos sociais e o programa de enfrentamento de interesses dos poderosos foram elementos positivos. Por outro lado, temos que reconhecer a pressão de “ampliar” o apoio e parecer menos “extremista”, com conversas com empresários e recuo programáticos em pontos importantes, como a oposição a PPPs.

É através do nosso enraizamento nos territórios, na construção de uma militância ativa do PSOL, cotidianamente atuando nos bairros, locais de estudo e de trabalho que iremos “romper a bolha”..

Não podemos vender a ilusão que um governo de esquerda radical será eleito e conseguirá implementar uma agenda antineoliberal sem incomodar e ameaçar os ricos e poderosos. É necessário dizer que para implementar uma agenda de mudanças será necessário mobilização popular.

Nessa direção, consideramos também um equívoco a participação do PSOL em prefeituras do PT, como no caso de Diadema e Mauá. Apoiamos qualquer medida progressista que a prefeitura propor e defendemos ela contra os ataques da direita. Mas não devemos compartilhar um projeto com o PT que, no fundo, é de sustentação do sistema vigente e já se mostrou falho.

## **Só a luta muda a vida, quando armada com programa, organização e métodos corretos**

A nossa tarefa mais imediata é unir lutas por vacina, saúde, educação, emprego, contra as opressões e a retirada de direitos em uma luta contra o BolsoDoria e a agenda neoliberal e genocida. Essa luta não pode ser deixada para as eleições de

2022. Ela começa hoje. Precisamos da maior unidade possível na luta contra o governo Bolsonaro.

Porém, isso não se traduz automaticamente em alianças eleitorais, sobretudo com setores que também aplicaram políticas neoliberais nos últimos anos. O que vai mudar a correlação de forças em favor de nossa classe são as lutas nas ruas. A derrota de Bolsonaro ou Doria não é simplesmente fruto de uma nova configuração eleitoral.

A adesão a um projeto “menos pior” e “mais viável” está relacionada com a pressão imediata pela sobrevivência. Bolsonaro e Doria assumiram no último período medidas assassinas contra nós. A esquerda socialista precisa ser sensível para não se adaptar a essa consciência, mas dialogar com ela.

No entanto, superar o petismo e a esquerda institucional é uma das principais tarefas de qualquer alternativa política que busca ser um polo aglutinador para reorganizar a esquerda socialista no Brasil e é parte da nossa luta por sobrevivência dos nossos.

É preciso ter clareza que uma eventual vitória de Lula não resolveria nossos problemas e nem derrotaria de uma vez por todas a via da extrema-direita hoje encabeçada por Bolsonaro. A proposta de equilibrar a manutenção dos privilégios e estruturas de dominação econômica da burguesia com uma distribuição de rendas através de políticas de ampliação de crédito que caracterizou o lulismo, não tem como se reestabelecer em uma conjuntura de crise com baixo crescimento econômico.

O controle do PT sobre a CUT, a UNE e o MST podem inclusive permitir a um eventual governo petista o avanço da retirada de direitos e aplicação de um projeto neoliberal, que por sua vez podem abrir espaço para uma nova versão da extrema-direita, mais experiente, refinada e articulada. Bolsonaro e bolsonarismo são sintomas da profundidade da crise do capitalismo e não a causa dela.

Uma aliança eleitoral, no primeiro turno, precisa ter base real nas lutas e estar armada com um programa antissistêmico, capaz de mostrar uma saída para a crise e entusiasmar uma nova geração que hoje começa a lutar. Devemos superar a velha esquerda que não tirou as lições de seus erros e prioriza a disputa institucional não será capaz de derrotar o bolsonarismo.

Isso não significa descartar, a nível nacional e estadual, unidade com outros setores no segundo turno para derrotar o bolsonarismo e a direita neoliberal. Dependendo da situação que se desenvolve, podemos discutir também a possibilidade de voto em candidato de uma esquerda mais ampla, por exemplo, se houver risco de um segundo turno com Bolsonaro e um outro representante da direita, ou de uma possível vitória de Bolsonaro ainda em primeiro turno.

Mas não podemos de antemão descartar candidatura própria e em qualquer cenário o PSOL precisa estar presente com um programa socialista, pois devido ao

aprofundamento da crise do capitalismo, teremos que estar organizados para lutar, independente de quem vencer a eleição burguesa.

Também não significa rejeitar a luta contra o governo Bolsonaro nos espaços institucionais, como a possibilidade de impeachment. Porém, a recusa de Rodrigo Maia e Arthur Lira de pautar o impeachment, mostra que não podemos depender apenas de táticas institucionais ou de uma linha política que busca apenas “desgastar o governo e esperar 2022”, pois o avanço, mesmo que lento da vacinação, pode gerar um processo de recuperação política de Bolsonaro.

O PSOL nasceu por causa da necessidade de tirar as lições e superar o projeto de conciliação de classes do PT, que ao invés de colocar um projeto para superar os limites a esse sistema nefasto, se adaptou a ele. Isso levou a um beco sem saída e preparou o caminho para uma reação da direita e a crise que vivemos hoje. Para não repetir a história, o PSOL tem um papel fundamental de colocar a necessidade de um projeto socialista capaz de derrotar o bolsonarismo, o projeto neoliberal e enfrentar a crise que esse sistema impõe ao povo trabalhador.

Nesse sentido, é positivo que já esteja colocada a possibilidade de candidatura do Guilherme Boulos para o governo estadual. Esta não deve ser negociada em acordos por cima com outros partidos, e deve ser construída desde a base e forjada nas lutas. A candidatura do PSOL ajuda a colocar o debate programático da necessidade de derrotar os tucanos.

## **Um partido radicalmente democrático e a serviço das lutas**

A construção do PSOL como instrumento adequado à nossa luta depende de três pilares: a inserção nas lutas; um programa socialista e antissistêmico; e construção de instâncias e métodos democráticos e pela base.

Precisamos começar revertendo a lógica de disputas internas baseadas em filiações em massa sem critérios políticos para que filiados(as) sejam convocados(as) a cada três anos para eleger delegados. Isto é possível dando mais espaço para núcleos e setoriais e com a realização regular de plenárias e atividades de formação política.

Também temos que escapar da armadilha de depender exclusivamente de financiamento do Estado, pois isto enfraquece nossa independência política e mina as possibilidades de resistência em conjunturas de restrição de direitos democráticos.

Em São Paulo, o PSOL ganhou espaço e referência na Câmara Municipal e na ALESP, mas também com sua militância que é professora, metróviária, da saúde na luta por mais direitos e condições de trabalho; pela militância que está nos bairros empenhada nas campanhas de solidariedade para não morrer de vírus nem de fome; pela militância que é mulher, negra, indígena, LGBTQI+ enfrentando todas as formas de opressão.

O Diretório Estadual precisa refletir essa capilaridade do PSOL, seu enraizamento territorial e nos diversos segmentos da classe trabalhadora. É necessário ter reuniões periódicas que apontem política para militância do PSOL, estimular que os núcleos e setoriais possam ter orientações e resoluções para se organizarem e se posicionarem, inclusive tendo condições de se posicionar sobre a atuação do Diretório.

- **Por um PSOL radicalmente democrático e controlado pela base**

Fortalecer as instâncias de base, dando poder real aos núcleos através de plenárias de núcleos para articular e mobilizar campanhas e lutas concretas. Dar continuidade à construção de setoriais.

Funcionamento regular das instâncias setoriais, que possam contar com apoio político, financeiro e estrutural da direção estadual e que sejam integradas aos debates no Diretório, consultadas ou convidadas às reuniões quando suas temáticas sejam pauta.

Por uma política de autofinanciamento partidário.

- **Funcionamento dos Diretórios**

Regularizar frequência de reuniões do Diretório estadual e Executiva Estadual, convocando reuniões extraordinárias da Executiva quando necessário. Que essas reuniões resultem na elaboração de boletins com orientações à militância nos municípios sobre calendários de luta, com elaboração de materiais para utilizar na mobilização e construção dessas datas.

Paridade de gênero e proporcionalidade racial na Direção Estadual, de maneira a possibilitar não apenas uma representatividade, mas sim uma maior inserção de mulheres, negros e indígenas nas decisões políticas da organização. Reservando dessa maneira o mínimo de 50% dos cargos de direção para mulheres e no mínimo 40% de negras, negros e indígenas na direção estadual.

Gestão compartilhada, entre todas as chapas representadas na direção estadual, dos fundos setoriais e do fundo partidário como um todo, com prestação de contas periódicas à base.

- **Mandatos à serviços da luta e controlados pela base**

Representantes de trabalhadores devem ter salário de trabalhador qualificado.

Ampliar a relação entre partido e mandatos, com reuniões trimestrais de avaliação da atuação parlamentar e debates sobre as principais pautas políticas.

Participação obrigatória dos parlamentares estaduais eleitos nas instâncias dirigentes do partido. Participação permanente do principal assessor da bancada nas reuniões da Executiva estadual. Boletim mensal da bancada estadual à base partidária.

Controle democráticos sobre as bancadas e recursos parlamentares, com uma articulação entre bancadas e as estruturas partidárias.

Limitação do número de mandatos consecutivos de parlamentares do partido, pois além da necessidade de construção de novos quadros, é necessário impedir a dinâmica de acomodação profissional de quadros no parlamento burguês.

**Assinam:**

Abdon da Costa Sousa, São Paulo  
Abner Joseph Do Carmo, Taboão da Serra  
Ada Luz Ananias, São Paulo  
Ademir Santos de Lima, São Paulo  
Adriana Alves de Sales Barreto, São Paulo  
Adriana Silva Oliveira, São Paulo  
Ailton de Oliveira Torquato, São Paulo  
Aina Ferreira, São Paulo  
Alaim Cesar Teles, São Paulo  
Alan Geraldo Nogueira Carvalho, São Paulo  
Alceu Barros de Toledo Neto, São Paulo  
Alexandra Carvalho, São Paulo  
Alice Iassia, Santos  
Alice Mogadouro, Santos  
Aline Correia Martins Pereira, Santos  
Almira Alves Barreto, São Paulo  
Amanda Carolina Joseph Dos Santos, Taboão da Serra  
Amanda Lopes Barreto, São Paulo  
Ana Luiza Galo, São Paulo  
Ana Maria Ramos Estevão, São Paulo  
Ana Vitória Silva Ferreira, São Paulo  
Anderson da Conceição, São Paulo  
André Luiz Ferrari, São Paulo, ex-membro da Executiva Nacional e um dos 101  
signatários da fundação do PSOL  
Andrea Batista Carvalho, São Paulo  
Andrei Chirilã, São Paulo  
Andreia Cristina Sousane Peres, São Paulo  
Antonio Carlos Karaí Mirin de Lima, São Paulo  
Antonio Celso Cavalieri Lins Souza, Praia Grande  
Antonio Euzébios Filho, Jundiaí  
Antonio Negreiros Oliveira, São Paulo  
Aristóteles Gonçalves Ferreira, São Paulo  
Beatriz Notabile Nunes, São Paulo  
Brenda Bassi Chiappinelli, São Paulo  
Bruna Barlach, São Paulo

Bruna Rossi Leão Raphaeli, São Paulo  
Bruno Guizi Mursill dos Santos, São Paulo  
Bryan Félix da Silva de Moraes, Campinas  
Camila dos Santos Alves, São Paulo  
Camila Guimaraes, São Paulo  
Carla Torquato Guimarães, São Paulo  
Carlos Augusto de Melo Almeida Cunha, São Paulo  
Carlos Eduardo Paiva, Campinas  
Carlos Francisco Guimarães, São Paulo  
Carolina Raymundo de Souza, São Paulo  
Caroline Almeida, São Paulo  
Caroline Santos Alves de Lima, São Paulo  
Cassia Torquato Guimarães, São Paulo  
Cecília Maranhão, Santos  
Celmo Alcino, São Paulo  
Celso Ricardo do Nascimento, São Paulo  
Cesar Lopes Barreto, São Paulo  
Cícero Ferreira Filho, São Paulo  
Clarice Silva Sousa, São Paulo  
Cláudia Mendes da Silva Ruescas, São Paulo  
Claudinei da Costa, São Paulo  
Cynara Cardoso dos Santos Escobar, Osasco  
Dalila Carvalho de Jesus, São Paulo  
Damara Teixeira Braga, São Paulo  
Daniel Bocalini, São Paulo  
Daniel Luca Dassan da Silva, São Paulo  
Danilo Fuchs Laurito, Campinas  
Danilo Pereira, São Paulo  
Débora Santos Ferreira, São Paulo  
Demetrius Pereira de Siqueira, São Paulo  
Denise Vieira dos Santos, São Paulo  
Deoclecio dos Santos Barros, São Paulo  
Diego Pereira de Siqueira, São Paulo  
Dimitri Aurélio Silveira, São Paulo  
Divina Torquato Ferreira, São Paulo  
Djanira Maria do Nascimento, São Paulo  
Dora Alice Araujo Lins de Souza, Juquitiba  
Dulce Peres Gonçalves, São Paulo  
Edemilson Antonio Perez Clementino, Taboão da Serra  
Edith Ramirez, São Paulo  
Ednaldo Bispo da Cruz, São Paulo  
Édson Roschel Gonçalves, São Paulo  
Eduardo Baracat, São Paulo  
Eduardo de Oliveira Padoan, São Paulo

Eduardo Domingues da Silva, São Paulo  
Eduardo Ribeiro Torquato, São Paulo  
Elaine Cristina da Silva, São Paulo  
Eli Mario Magalhães Moraes Junior, São Paulo  
Eliani Hypolito de Souza, São Paulo  
Fabiana Young Ae Choi, São Paulo  
Fabiani Padovani, São Paulo  
Fábio Antônio Arruda, Guarulhos  
Fábio dos Santos, São Paulo  
Fábio Roberto de Oliveira, Taboão da Serra  
Fátima Queiroz, São Paulo  
Felipe Amaral, São Paulo  
Felipe Augusto de Moraes, São Roque  
Fernanda Caroline Ferreira Alencar, São Paulo  
Fernanda de Jesus Rodrigues, Santos  
Fernando Ferraz, São Paulo  
Fernando Sousani Peres, São Paulo  
Flávia Damasceno, Itapeceira da Serra  
Flavia Resende, São Paulo  
Gilmar Torquato Gomes, São Paulo  
Gilvan Santana dos Santos, São Paulo  
Giovanni Carvalho Giocondo, São Paulo  
Gislaine de Araújo Gomes, São Paulo  
Glória Ribeiro Torquato, São Paulo  
Graziane Kele Santos, São Paulo  
Guilherme Santiago dos Santos, São Paulo  
Gustavo Duarte de Souza Turrão, São Paulo  
Gysele Padovani, São Paulo  
Hailey K. Alves, São Paulo  
Helena Ferreira Santos, São Paulo  
Ianae Xavier La Spina, São Paulo  
Igor Lodi Marchetti, São Paulo  
Irene Teixeira Notabile, São Paulo  
Isabel Lopes dos Santos Keppler, São Paulo, diretório estadual  
Jacqueline Zugaiar, São Paulo  
Jair Brás da Silva, Taboão da Serra  
Jane Barros Almeida, São Paulo, diretório nacional do PSOL  
Jaqueline Mota, São Bernardo  
Jeniffer Scarcella, São Paulo  
Jessica Silva Clementino, Taboão da Serra  
João Carlos Vaz de Almeida, Tatuí  
João Cavalcante de Oliveira, São Paulo  
João Cavalcante de Oliveira, São Paulo  
João Gabriel Ferreira da Silva, São Paulo

João Pedro Barbosa Ferreira Militão, São Paulo  
Joaquim Ferreira Neto, São Paulo  
Joeferson Faccin José de Almeida, São Paulo  
José Afonso da Silva, Taboão da Serra  
José Honorato Gomes, São Paulo  
José Jair de Brito Gomes, São Paulo  
José Salvador Torquato, São Paulo  
Josué dos Santos Ferreira, São Paulo  
Juarez de Oliveira dos Santos, São Paulo  
Júlia Chaves Silva, São Paulo  
Julia Maura Gonçalves Fiorili, São Paulo  
Julio Cesar Epifanio, São Paulo  
Kamila Siqueira, São Paulo  
Karen Marques Rosso Ishiguro, São Paulo  
Kátia dos Santos Adão, São Paulo  
Larissa Soares Baima, Campinas  
Leandro Santos de Oliveira, São Paulo  
Leandro Willians Marchesani da Silva, São Paulo  
Leon Rudha Lima Roschel Gonçalves, São Paulo  
Leonardo Almeida Sampaio, São Bernardo  
Leonardo Notabili Nunes, São Paulo  
Letícia Alcantara de Freitas, São Paulo  
Leticia Maria Gouveia de Oliveira, Campinas  
Lucas Moreira de Souza, São Paulo  
Lucimara Bassi, São Paulo  
Marcelo Aparecido do Santos, São Paulo  
Marcelo Peres, São Paulo  
Marcelo R Fernandes Roschel, São Paulo  
Marcelo Vilhanueva, Osasco  
Marcos Rodrigo Dourado, São Paulo  
Marcus Kollbrunner, São Paulo, diretório municipal  
Maria Aparecida Teixeira Barbosa, São Paulo  
Maria Aparecida Torquato Gomes, São Paulo  
Maria Auxiliadora Torquato Oliveira, São Paulo  
Maria Célia Torquato Guimarães, São Paulo  
Maria Clara Ferreira da Silva, São Paulo, candidata a vereadora 2020  
Maria Custodia Torquato, São Paulo  
Maria do Socorro Barbosa Rodrigues, São Paulo  
Maria Eduarda le Senechal Bueno, São Paulo  
Maria Goreti do Nascimento, São Paulo  
Maria Graziela do Nascimento, São Paulo  
Maria Helena Rocha, Taboão da Serra  
Maria Helena Torquato, São Paulo  
Maria José Moreira de Souza, São Paulo

Maria Lucia dos Santos Barros, São Paulo  
Maria Lucia Salgado Cordeiro dos Santos, São Paulo  
Maria Lucia Torquato, São Paulo  
Maria Nicomedes Rocha Torquato, São Paulo  
Maria Zélia Souza Andrade, São Paulo  
Mariana Cristina Moraes da Cunha, São Paulo  
Mariana da Silva Santos, São Paulo  
Mariana Lucio de Oliveira, Santos  
Mariana Sousani Peres, São Paulo  
Marilucia Notabile Nunes, São Paulo  
Marinalva Pergentino de Almeida, São Paulo  
Marzeni Pereira da Silva, São Paulo  
Mateus Souza Lobo Guzzo, Campinas  
Matheus Carlos de Paula Alves Assumpção, São Paulo  
Matheus Lidiberde Machado Pereira, Santos  
Matheus Menezes, São Paulo  
Maurício Capistrano Bendinelli, São Paulo  
Mauricio de Oliveira Filho, São Bernardo  
Maurício dos Santos Batista, São Paulo  
Mauro Takeshi Santos Koura, São Paulo  
Michel Daud, São Paulo  
Micheli Aparecida Santiago, São Paulo  
Micheli Teixeira dos Santos, Miracatu  
Moisés João Soares, São Paulo  
Nayara Gonçalves Del Santo, São Paulo  
Nilton de Almeida Pessan, São Paulo  
Orlando dos Santos, São Paulo  
Patrícia Machado Pereira, Praia Grande  
Pedro Alencar Meade, São Paulo  
Priscila Beralda Moreira da Oliveira, Osasco  
Priscila Rosseto Costa, São Paulo  
Priscila Santana dos Santos, São Paulo  
Rafael Pacheco Alquezar, São Paulo  
Raquel Souza Lobo Guzzo, Campinas  
Reinaldo Aparecido Nunes, São Paulo  
Reinaldo Cardoso de Sa, São Paulo  
Renato Almeida Barros, São Paulo  
Ricardo Sousani Peres, São Paulo  
Richard Melo de Silva, Paulínia  
Roberto Batista de Souza, São Paulo  
Roberto Peres, São Paulo  
Robson de Souza Santos da Silva, São Paulo  
Rodrigo Luís de Oliveira, São Paulo  
Rosana Aparecida Moreira de Lima, São Paulo

Roseli Xavier da Silva, São Paulo  
Rui Torquato Oliveira, São Paulo, candidato a vereador 2020  
Salvador Silva de Farias, São Paulo  
Samuel de Abreu Silva, São Paulo  
Sandra Renata Nery, São Paulo  
Sheila Adão, São Paulo  
Silvana Zucullin, São Paulo  
Tainá Moreira Gatti, São Bernardo  
Tais Fernanda Nascimento Visitação, São Paulo  
Tamires Torquato Ferreira, São Paulo  
Tamiris Natal, São Bernardo  
Tarcisio Soares Siqueira Dantas, Campinas  
Tatiana Kapor, Campinas  
Tatiana Minchoni, São Paulo  
Tatiane Martins Ribeiro, Campinas  
Terezinha Gomes da Silva Gallo, São Paulo  
Thais Luana Sambinelli, São Paulo  
Thaísa Teixeira de Souza, São Paulo  
Thiago de Jesus, São Paulo  
Valdemir Nobre, São Paulo  
Valdinei dos Santos Cruz, São Paulo  
Valter da Cruz Nogueira, São Paulo  
Vanderlei Lino da Silva, São Paulo  
Vanessa Eda Paz Leite, Campinas  
Vania de Souza Pinheiro, São Paulo  
Vicente Loir Kakizaki, São Bernardo  
Victoria Torquato Murcili, São Paulo  
Virbel Proença Júnior, São Paulo  
Wibsson Ribeiro Lopes, São Paulo  
William Gonçalves de Siqueira, São Paulo  
Wilson Alves dos Santos, São Paulo  
Wilson Hilario Borges Filho, São Paulo